

A MORTE EM NOTÍCIAS: os significados e representações da morte e dos mortos em Belém na Segunda metade do século XIX.

Érika Amorim da Silva & Fernando Arthur de Freitas Neves

(Mestranda em História social pela Pontifícia Universidade Católica da São Paulo PUC/SP & Profº. Ms. da Universidade Federal do Pará)

“Velasco é morto! Homem bem festejado,
amigo fiel, constante, honrado,
tendo o mar da vida atravessado,
ao céu volveu em rápido atejo.
(...)
Oh! Lei da natureza! Oh lei da sorte,
São grandes, insondáveis teus destinos
(...)
São frágeis, são mortaes, são pequeninos
Da existência os fios, mas na morte colhe quem
justo foi aos dons divinos”.¹

O século XIX foi rico em transformações econômicas, políticas e sociais. No Brasil durante esta centena ocorreram mudanças significativas como o fim da escravidão; a mudança do regime de governo (que trouxe consigo a separação Estado / Igreja, o casamento civil, a secularização dos cemitérios e a laicização do ensino). Diante disso os costumes fúnebres brasileiros mudaram significativamente, vários fatores contribuíram para que isso acontecesse, entre os quais, podemos citar as epidemias que assolaram o país como a de febre amarela e a de varíola em Belém no final do século em questão, obrigando assim, mudanças nos ritos mortuários. As idéias de modernização, de higienização e de reordenação do espaço urbano também foram de fundamental importância para que tais mudanças em relação a morte e aos mortos ocorressem.

Maria de Nazaré Sarges em “*Belém: produzindo riquezas na Belle-Époque*”, tenta se aproximar do ideal da cidade no século XIX “*a cidade no século XIX necessitava de ter o seu espaço disciplinado e ordenado (...)*”.² A idéia de modernização e higienização passa também pela questão da morte. Os mortos ganharam novos espaços, os enterros nas Igrejas foram proibidos definitivamente e o Estado determinou a construção de cemitérios públicos. Desta forma, uma nova mentalidade fúnebre começava a se estabelecer. Para Walter Benjamin “*durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as instituições higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte*”.³

Essas mudanças sócio-culturais tenderam a mudar também a partir do avanço das ciências médicas que passou a introduzir paulatinamente no seio da sociedade a idéia, que a longa convivência com os mortos era nociva a saúde dos vivos. Assim, foi possivelmente com os avanços

da medicina e conseqüentemente da higienização e da estruturação dos espaços citadinos que os ritos fúnebres conheceram uma metamorfose.

Antes da segunda metade do século XIX e da secularização dos campos santos, por exemplo, reconhecia-se o prestígio de um morto pela quantidade de pessoas que acompanhava seu funeral e por ele ser enterrado dentro das igrejas católicas. Depois os túmulos vão evidenciar a riqueza das famílias ricas, os valores capitalistas começam a permear o cotidiano da morte, com os cemitérios a céu aberto proporcionando a individualização, que não existia quando os enterros eram nas Igrejas, se faz presente com numerosos mausoléus com replicas de Igrejas, imagens de Santos, Anjos, de cristo transformando os cemitérios em verdadeiros acervos de obras de arte. Neste sentido Jacques Le Goff afirmar que “um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte”.⁴

Um dado extremamente significativo que vale lembrar a essa altura é a grande quantidade de túmulos em forma de Igrejas nos primeiros cemitérios do XIX, evidenciando a permanência da mentalidade de enterrar em templos. Na fonte abaixo o féretro foi enterrado no lugar destinado aos militares onde depois foi construído um lindo túmulo, outro dado importante é a existência de uma certa divisão social, o que era muito comum nos cemitérios oitocentista . Havia irmandades religiosas, corporações de ofícios e serviços, confrarias, ordens, entidades políticas, religiões, classes e frações de classes que compravam da Santa Casa da Misericórdia, a responsável pelos enterramentos, terrenos nos cemitérios para enterrar seus membros.

SAHIMENTO

Realizou-se na manhã de ante-hotem a inhumação dos despojos finaes do capitão de mar e guerra José Maria do Nascimento.

O sahimento teve lugar da casa de residência do finado, á rua Dr. Assis.

O féretro foi carregado á mão desde ali até á praça da Independência, onde aguardavam o carro fúnebre carros de praça e bondes da companhia urbana, revezando-se n’aquele piedoso mister. Officiaes de mar e de terra, a mestrança e operários do arsenal de marinha.

O batalhão 15º, de ênfantaria prestou as honras fúnebres por ocasião do sahimento.

Vimos no préstito, que era numeroso, os Srs. Desembargador vice-governador do Estado, coronel commandante do 1º districto militar, inspector e officiaes do arsenal de guerra commandante e officiaes da canhoneira cabedello, cônsul de s.m fidelíssimo officiaes de diversas classes, representantes do congresso do Estado, grande numero de operários do arsenal de marinha, representantes da imprensa, representantes do partido republicano e outros cidadãos.

Conforme antiga praxe na marinha nacional, envolvia a ataúde o pavilhão da Republica dos Estado-Unidos do Brasil.

Sobre o féretro foram depositadas corôas por parte da viúva do finado, pelo partido Republicano, pelas redacções d’A Província do Pará e d’A Republica e por um amigo.

Da porta do cemitério de Santa Izabel até ao logar da sepultura, acompanhou a banda marcial do arsenal de guerra, executando marchas fúnebres.

A inhumação verificou-se no quadro reservado aos militares.⁵

A beleza e requinte dos mausoléus, era para acompanhar as transformações sócio-culturais, que se processava nas sociedades ocidentais. As famílias da Belém oitocentista mais abastadas passaram a construir verdadeiros “palacetes” nos cemitérios públicos onde seus entes queridos eram

sepultados, como já afirmamos. Os túmulos passaram a representar as diversas concepções que a sociedade tinha da morte, esculturas de anjos e santos, que representavam o imaginário do além. Michel Vovelle⁶ se aproximou de forma espetacular desse cotidiano em “fantasmas e certezas nas mentalidades desde da Idade Média até o século XX,” tentando compreender as imagens e o imaginário da morte nas representações coletivas. Enfatizando sobretudo a estatuária funerária. O autor expressiu a mentalidade religiosa afirmando que “o cemitério já não é, como em fins do século XIX, onde se podiam ler as expressões coletivas do imaginário diante da morte”.⁷

Segundo ele hoje mal se sabe a que santo rezar e a que santo se tem devoção, hoje é difícil ler através de imagens de túmulos as fases da maneira como os homens e mulheres imaginam “o terceiro lugar de expiação temporária”, na atualidade os chamados campos santo mais parece, um jardim onde a única coisa que lembra os mortos são pequenas pedras de mármore, apenas com o nome do defunto. Utilizando anúncios fúnebres, artigos, publicados em diversos periódicos da segunda metade do século XIX, e iconografias funerárias, tentamos nos aproxima das representações e dos significados da morte para a sociedade da Belém oitocentista.

Mas o que é a morte? Por que as sociedades ocidentais a temem tanto? Por que a ciência, a religião, a filosofia buscam de forma incessante vence-la. Dentro de uma análise médica, o paciente vai a óbito, morre, quando há falência múltipla dos órgãos, assim sendo, a morte afeta todos os seres vivos, consiste na cessação da vida, ou melhor dito, é a extinção das atividades vitais. Depois desta, a matéria se decompõe. Platão declarou que a filosofia é uma meditação da morte, *meditatio mortis*.⁸ Para Cícero, “a vida filosófica é uma preparação para a morte”.⁹ Séculos depois Santayana colocou “uma boa maneira de provar o valor de uma filosofia é perguntar o que ela pensa a respeito da morte”.¹⁰ Desta forma podemos perceber que a morte foi e é motivo de inúmeras discussões. Já Para José Luiz de Souza Maranhão “a morte é um fato natural, assim como o nascimento, a sexualidade, o riso, a fome ou a sede” é para todos independente de raça, cor, crença ou posição social, desta maneira a morte é o que iguala todos os homens, mas há diferenças entre os diversos segmentos sociais em relação a morte e os mortos.

O QUE É A MORTE?

(A. José A.A.O. de Macedo)

O que é a morte? uns dizem que é dormir;
Outros, que a morte é termo do sofrer;
Que a morte é sonho!
Porem quem o sabe?
Só deus, os mais, não creio, morrer...
Que é morrer? Ávida se me acabe,
E logo direi se é dormir se termo
Do viver, se sonho; ou nada vem ser...
- morrer, dormir, sonhar talvez quem sabe?..

Domingos Soares¹¹

Sofrer é viver, é morrer... Há pelo menos duas modalidades cuja a dor aparece como o estrangulamento que precede a morte, confinando o vivente a apresentar esse processo de agastamento provocado pela dor, mutilação a moer o corpo e alma, enquanto a morte concorre com a vida pela subordinação. O sonho, a partida para a dimensão onírica também resguarda a idéia de conforto e controle sobre a morte quando este parece conceber uma volatilidade da consciência a qual pode habitar vários outros mundos a torcerem a realidade primeira da própria existência: morte

O que sabe Deus? Esperando serem resgatados pela salvação, as atitudes sobre as mortes e os mortos comportam um desejo de transcendência a mobilizar paixões e cuidados nos processos de intercessão, a rogarem por uma feliz estada no próximo plano – o paraíso. A sustentação dessas representações é dada por intelectuais de campos diferentes têm uma gama variada de significados: sono, dormir para A. Alvarez , em sua obra “A Noite”, convida-nos a problematizar o lúgubre mundo noturno envolto na penumbra e obscuridade que a falta de luz encerra.

No poema acima publicado na Segunda metade do XIX, em Belém percebemos o anseio do autor em entender a morte. As inúmeras interrogações sobre, o que vem ser a morte, desse modo percebemos a preocupação em entender o que é morrer, embora Roberto Da Matta afirme que antes dos brasileiros terem consciência do que significa a morte, o não-ser e o nada, “*toma consciência dos mortos de sua família, casa, vizinhança, comunidade (...). Essas”* pessoas “*que na forma de espírito, almas, espectro, heróis e fantasma, aparecem aos seus conhecidos, colegas, compatriota e confrades para pedir alguma reza, missa, favor ou homenagem*”.¹² Ou seja, antes de ter consciência do que é a morte os brasileiros cultuam os mortos. Para o antropólogo no Brasil a morte é compreendida como uma passagem de um mundo para o outro, numa metáfora de *subida* ou *descida* “- algo verticalizado, como a própria sociedade e jamais como um movimento horizontal, como ocorre na sociedade americana, onde a morte é quase sempre encapsulada na figura de uma viagem aos confins, limites ou fronteiras do universo”.¹³

Desse modo segundo Roberto Da Matta os brasileiros tem obrigações diante dos mortos e de suas almas: aniversários de nascimento e de morte são lembrados com missas e visitas aos túmulos, é comum encontrarmos nos jornais convites para missas lembrando tais datas e também convidando para missas em memória de alguém.

“Gervasio José Cerdeira, José Cordeiro, José Joaquim da Fonseca e Francisco Clemente da Cunha tendo recebido a infausta notícia do passamento do Sr Pedro José Soares, pae de seus presados amigos e socios os Srs. João Pedro Soares e Domingos José Soares, ambos auzentes convidão os amigos destes Srs. e seus a assistirem uma missa que por alma do finado, mandão celebrar no dia 15 do corrente pelas 7 horas da manhã na Igreja de San’ Anna pelo que desde já se confissão eternamente agradecidos.”¹⁴

Anúncios fúnebres fazia parte do cotidiano da imprensa belenense da segunda metade do século XIX, mesmo que fosse uma simples informação sobre o morto e o enterro, se seria realizado naquele dia e em alguns casos o motivo da morte, o número de mortos durante um determinado mês eram comum neste período. Em outros termos, a publicação nos jornais diariamente do numero de mortos que seriam enterrados naquele dia era muito comum, essas práticas que já não fazem parte do cotidiano da morte contemporânea em Belém. Hoje só anuncia o falecimento de um ente querido no jornal quem pode pagar, os proprietários já não publicam esses relatórios funerários como outrora. Vale lembrar que nós não sabemos se era o governo que pagava essas publicações.

SEPULTAM-SE:

- Anna Maria de Jesus, filha de Arsênia Maria da Conceição. 28 anos cearense, branca, solteira, febres.
- Francisco Ferreira da ponte, filiação ignorada, 90 annos, fluminense, branco, viúvo, febres intermitentes.¹⁵

FORAM SEPULTADOS:

- Ephigenia Maria Conceição, filiação ignorada, 60 annos, paraense, parda, solteira, congestão cerebral.¹⁶

MORTALIDADE

Durante o mez de Fevereiro ultimo, foram sepultados nos cemitérios d'esta capital 167 cadaveres.
Pertencia ao sexo masculino 104, ao feminino 63
Eram maiores de 20 annos 98, menores 69,
Pertenciam a nacionalidade estrangeira¹⁷ e eram nacionaes 150.
Dos nacionaes eram: amazonense 2, paraense 11, maranhense 3, cearense 23, paranhybano 1,
Rio- grandenses do Norte 2, bahinos 3, santacatharinense 1, francez 1, Inglez 1, e africano 1.¹⁷

Já as famílias mais abastadas não só publicavam nos jornais a perda de um anti-querido como recebiam inúmeras manifestações publicas de carinho e afeto neste momento de perda, de dor. As mensagens de condolência podem ser encontradas com muita facilidade nos jornais. Essas mensagens cheias de elogios ao morto, evidenciavam de forma muito marcante as qualidades do féretro. As mulheres eram sempre vistas como virtuosas e dedicadas ao lar, aos homens honestos bons pai , patriotas, as crianças sempre eram vistas, como meigas, doces, puras, verdadeiros anjos, tão boas que Deus por sua imensa misericórdia as tomou para si de modo que as mesmas não sofressem nesse mundo de aflição. O anuncio seguinte publicado em um jornal desse período é exemplar para percebemos as formas de representação dos mortos em Belém na segunda metade do XIX.

FLORZINHA

Era assim chamada a interessante filhinha do nosso amigo João Vicente Franco Junior, a qual, hontem, voou-lhe dos braços para ir repousar no seio de Deus, deixando immersos em profundas saudades os ternos corações de seus extremosos pais.

Comprehendemos esse transe amargoroso.

Florzinha teve a vida das flores, nasceu apenas para encher o coração de seus pais com o perfume suave de suas blandicias e finou-se no momento mesmo em que parecia mais sori-lhe a vida.

Aos nosso bons amigos João V. Franco Junior e João V. Franco pae e avo da meiga criança, significamos aqui o nosso pesar.¹⁸

Desde modo podemos observar, que o primeiro sentimento da condição de ausência de vida de uma pessoa com poder aquisitivo era repleto de manifestações de carinho e amizade, mesmo que fosse apenas para dar satisfação social. A morte como dor e sofrimento constitui amiúde o significado mais elementar operado no quotidiano dos viventes, tal que essa experiência coloca-se para todos aqueles que expectam a vida. A filosofia existencialista definiu a condição humana como estar para morte. Estando a morte, portanto para a vida, o mundo dos viventes obriga-se á escudar-se contra a morte que espreita no instante único apoderar-se da tênue existência surgida no acidente do universo.

A morte , maior certeza da humanidade, sempre despertou interesses e discussões sobretudo para as sociedades ocidentais, que a temem tanto, independente de posição social, intelectual ou concepção religiosa, sabemos que cada religião tem sua concepção sobre a morte e os mortos e de acordo com isso há todo um ritual para garantir o descanso eterno. O século XIX foi marcado entre outras coisa por transformações significativas no campo da morte, João José Reis nos lembra que “o movimento de secularização da mentalidade da época, que se expressou em novas formas, não religiosas, de cultivo do espírito hábitos de leitura, métodos de ensino, teatro”¹⁹ ocuparam um terreno que antes era ocupado por rezas, Igrejas e irmandades.

A partir de então as maneiras de morrer e enterrar ficaram mais simples, contudo, iniciaram-se novas modas fúnebres, a cultura funerária brasileira ganhou em arte, pois, os túmulos passaram a ser mais requintados, esculturas em mármore com imagens de divindades como anjos e santos passaram a ocupa espaço no cotidiano da morte. Se antes se conhecia o prestígio de um morto pela quantidade de pessoas que acompanhavam o seu funeral, a partir desse momento, essa questão – a importância – se evidencia pela beleza e requinte dos mausoléus, assim, um comércio muito intenso de túmulos passou a se desenvolver a partir dessas mudanças. Acompanhando essas transformações as famílias mais abastadas passaram a construir verdadeiros “palacetes” nos cemitérios onde seus entes queridos descansariam, esse tendência nos permitir interpretar os significado da morte e dos mortos coisa que a cultura funerária do século XXI não nos permitir, pois hoje os cemitérios mais parece um jardim.

BIBLIOTECA PÚBLICA ARTHUR VIANNA (CENTUR) / JORNAL:

Diário de Belém de 9 de Julho de 1874.

A Republica. Belém, 1º de Março de 1890.

A Voz do Caixeiro. Belém, 19 de Outubro de 1890.

A República. Belém, 04 de março de 1890.

A República. Belém, 15 de março de 1890.

Diário de Belém de 9 de Julho de 1874.

A Republica. Belém, 1º de Março de 1890.

A Voz do Caixeiro. Belém, 19 de Outubro de 1890.

A República. Belém, 04 de março de 1890.

A República. Belém, 15 de março de 1890.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

DA MATTA, Roberto. “Morte”. In: *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Jardim Ubá: Racco, 1985.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas, magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: UNICAMP, 1996.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. *O que é a morte*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

VOVELLE, Michel. *Imagens e imaginário na história: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Ática, 1997

¹ Treze de maio. Belém, 26 de abril de 1855, p. 3. In: SILVINHO, Morette Silva. *Uma nênia de eterna saudade: histórias de morte no Pará no século XIX*. Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal do Pará, 2001, p. 27.

² SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

³ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas, magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 207.

⁴ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP. 1990, p. 535.

⁵ A República. Belém, 04 de março de 1890.

⁶ VOVELLE, Michel. *Imagens e imaginário na história: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Ática, 1997.

⁷ Idem.

⁸ MARANHÃO, José Luiz de Sousa. *O que é a morte*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

⁹ Idem.

¹⁰ A Província do Pará. Belém, 17 de Janeiro de 1892, p. 1.

¹¹ A Voz do Caixeiro. Belém, 19 de Outubro de 1890, p.4.

¹² DA MATTA, Roberto. “Morte”. In: *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Jardim Ubá: Racco, 1985. 141

¹³ Idem

¹⁴ Diário de Belém de 9 de Julho de 1874.

¹⁵ A Republica. Belém, 1º de Março de 1890, p. 2.

¹⁶ A Republica. Belém, 26 de Fevereiro de 1890, p. 2.

¹⁷ A República. Belém, 04 de março de 1890, p. 1.

¹⁸ A República. Belém, 15 de março de 1890, p. 1.

¹⁹ REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.